

ALFABETIZAÇÃO FONOARTICULATÓRIA NO ENSINO INICIAL DA LEITURA E ESCRITA: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL?

Aline Gasparini Zacharias¹

Andréia Osti²

Resumo: A alfabetização nas últimas décadas vem sendo objeto de inúmeras investigações, diante disso, este trabalho objetiva compreender se a metodologia adotada influencia na velocidade e qualidade da aprendizagem da língua escrita. Os resultados evidenciam que a metodologia por si só não é sinônimo de aprendizagem, contudo, influi significativamente no processo de ensino inicial da leitura e escrita.

A alfabetização nas últimas décadas vem sendo objeto de estudo de inúmeras pesquisas, e investigações das mais diversas vertentes metodológicas e pressupostos teóricos, demonstrando com isso uma crescente interdisciplinaridade. Nesse sentido, múltiplas iniciativas governamentais, emergem com o intuito de definir metas para o processo de alfabetização, tal como políticas públicas objetivando a aprendizagem inicial da leitura e escrita. O que se evidencia, contudo, é que ainda é uma realidade nas escolas públicas brasileiras a permanência de alunos que apresentam sérias dificuldades relacionadas à aquisição da língua escrita, demonstrando precárias habilidades de produção e compreensão de textos. Tal fato nos remete a um aspecto singular do processo de ensino-aprendizagem, o método ou metodologia adotada em sala de aula.

Sabe-se que nenhuma metodologia é sinônimo de sucesso e/ou fracasso, contudo, partimos do pressuposto, tal como Morais (2012) e Soares (2016) de que uma alfabetização bem-sucedida requer um ensino específico sobre o sistema de escrita alfabética (SEA). Ao aprofundar as questões históricas relacionadas aos métodos de ensino inicial da leitura e escrita, surgem acaloradas discussões, que trazem diversas tensões e conflitos, havendo com isso, uma constante disputa pela primazia de um determinado método, tido como moderno para época, em detrimentos de propostas pedagógicas anteriores, assim como constatado por Mortatti (2000).

Diante disso, este trabalho refere-se ao recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, financiado pela Fundação Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, que objetiva compreender as propostas relacionadas à metodologia fonoarticulatória, bem como se a metodologia adotada influencia na velocidade e qualidade da aprendizagem do sistema de escrita alfabética.

Desenvolvimento da pesquisa

Inicialmente fez-se a exploração da produção acadêmica em âmbito nacional, e análise das tendências de pesquisas sobre o tema alfabetização fonoarticulatória. Ressalta-se que essa metodologia apoia-se em aspectos multissensoriais, ou seja, durante o processo de alfabetização há uma ênfase em estabelecer conexões e proporcionar atividades pedagógicas, que aliem fonema, grafema e articulema, baseando-se, sobretudo, no gesto articulatório (JARDINI, 2017).

Para o levantamento bibliográfico foram utilizadas as seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo, e Sistema de Bibliotecas da Unicamp. Por conseguinte, os trabalhos encontrados em um primeiro momento, envolveram artigos, dissertação e tese. O recorte temporal estabelecido

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, Bolsista FAPESP, Rio Claro, SP, Brasil. E-mail: aline.gasparini15@gmail.com.

² Docente do Departamento de Educação, UNESP, Rio Claro, SP, Brasil. E-mail: andreia.osti@rc.unesp.br.

restringiu-se os anos de 2000 a 2018. As palavras-chave utilizadas para a pesquisa foram: fonoarticulatório, fonovisuoarticulatório, método das boquinhos.

Produção bibliográfica: estudo das publicações sobre a metodologia fonoarticulatória

A partir do levantamento bibliográfico, foram encontrados onze trabalhos científicos sobre o tema pesquisado, sendo nove artigos, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado. Dentre esses trabalhos, quatro pesquisas foram excluídas, pela pouca articulação com aspectos de origem pedagógica. Diante disso, sete trabalhos efetivamente compuseram nossa amostra. Os estudos encontrados serão brevemente apresentados de acordo com o ano de publicação em ordem crescente.

Jardini e Souza (2006) desenvolveram um estudo de caráter interventivo com 30 crianças, entre 7 e 10 anos de idade, em fase de aquisição da língua escrita, e com diagnósticos variados. A pesquisa objetivou alfabetizar e/ou reabilitar crianças que apresentavam distúrbios na leitura e escrita, por intermédio do “método das boquinhos”. A coleta de dados baseou-se na abordagem terapêutica, e as intervenções ocorriam em 2 sessões semanais com duração de 60 minutos cada. Os resultados apontam para a importância da estimulação da consciência fonológica no processo de alfabetização, ademais, entre os alunos participantes, houve significativa evolução em todos os níveis avaliados pelos pais e professores, demonstrando que após 6 meses de intervenções os alunos se mostraram capazes em cada item avaliado.

O trabalho de Vidor-Souza, Mota e Santos (2011a), investigou a consciência fonoarticulatória de crianças sem alterações no desenvolvimento fonológico, de acordo com o gênero, idade e escolaridade, analisando o desempenho dos estudantes em tarefas de percepção e produção da fala. Participaram 90 crianças com idades entre 5 e 7 anos, pertencentes à Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental. O instrumento utilizado foi a Investigação da Consciência Fonoarticulatória (IFCA), de Santos, Vieira e Vidor-Souza, que valia as habilidades de consciência fonoarticulatória. Por meio da análise dos dados evidenciou-se uma correlação entre os resultados obtidos em tarefas de percepção do gesto fonoarticulatório, e tarefas de produção do gesto fonoarticulatório.

Vidor-Souza, Mota e Santos (2011b) desenvolveram um trabalho voltado para a consciência fonoarticulatória em crianças com desvio fonológico. Nesse contexto, buscaram verificar as habilidades da consciência fonológica de crianças com desvio fonológico, para a partir disso realizar uma comparação com as habilidades em consciência fonológica de crianças sem desvio fonológico. Participaram do estudo 60 crianças de ambos os sexos, divididas igualmente em dois grupos com e sem desvio fonológico. O instrumento utilizado na coleta de dados foi “o Instrumento de Investigação da Consciência Fonoarticulatória”. Os resultados apontam para uma diferença significativa entre as crianças com desvio fonológico, sendo que estas apresentaram maior dificuldade nas tarefas que exigiam habilidades relacionadas à consciência fonoarticulatória.

A pesquisa desenvolvida por Jardim e Ruiz (2011) teve como objetivo avaliar os cursos e os multiplicadores do “Método das Boquinhos”, tal como a metodologia especificamente. Para que isso fosse possível o estudo baseou-se na análise quantitativa, na qual o instrumento foi um questionário de múltipla escolha composto por dez questões com quatro alternativas cada. Os sujeitos participantes foram 10 multiplicadores, e 1668 educadores, de 13 cidades pertencentes aos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Os resultados apontam para aspectos positivos em relação à forma de trabalho dos multiplicadores, quanto ao método, houve forte aceitação por parte dos docentes, sendo que quase a totalidade dos entrevistados

afirmou que a metodologia pode ser utilizada em sala de aula com todos os alunos, embora com ênfase nos que apresentam alguma dificuldade.

Heinemann e Salgado-Azoni (2012) desenvolveram uma pesquisa com alunos do Ensino Fundamental, na qual o objetivo era verificar a eficácia da intervenção psicopedagógica baseada nos pressupostos do “método das boquinhinhas” em crianças com dificuldade de aprendizagem devidamente matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, foram analisados o desempenho dos estudantes com dificuldade de aprendizagem e sem dificuldade de aprendizagem no concernente ao processo de alfabetização. Os participantes foram 11 crianças com faixa etária entre 6 a 7 anos de idade, de ambos os sexos. Os resultados apontam para melhora nas habilidades cognitivo-linguísticas trabalhadas durante as intervenções no grupo participante das intervenções baseada na metodologia fonoarticulatória, sendo que este se aproximou do grupo composto por alunos sem dificuldades.

Já o estudo desenvolvido por Jardini et al. (2016) objetivou acompanhar o desempenho de alunos regularmente matriculados em uma sala de EJA, nos aspectos relacionados a leitura e escrita, após utilização do método fonoarticulatório durante o período de 6 meses. Os sujeitos foram 9 alunos, de ambos os sexos, com idade média de 43 anos e 6 meses, pertencentes à rede pública de uma escola no interior de São Paulo. Os resultados indicam para uma evolução significativa dos aspectos analisados nos questionários. As autoras afirmam que aspectos relacionados à fluência, compreensão na leitura, diminuição na troca de letras, e a retenção na aprendizagem mostraram resultados positivos desde o primeiro mês de trabalho.

O último artigo encontrado referente ao tema, de Jardini (2018), trouxe para a discussão apenas aspectos teóricos que fundamentam a metodologia fonoarticulatória, ao mesmo tempo em que, enfatiza a importância da consciência fonológica para o processo de alfabetização, estabelecendo uma articulação entre consciência fonoarticulatória e consciência fonológica. Dessa maneira, o objetivo geral do artigo foi abordar a forma como vem sendo discutida algumas questões práticas que envolvem a alfabetização, e os entraves metodológicos decorrentes de tais práticas. Para tanto a autora defende que a compreensão dos processos que envolvem o princípio alfabético da língua escrita, inevitavelmente passa pelo aprendizado de habilidades de consciência fonológica.

Por intermédio da revisão da literatura, constatou-se que poucos estudos são direcionados para a alfabetização alicerçada em pressupostos fonoarticulatórios e aspectos multissensoriais. Dentre as pesquisas que compuseram a amostra algumas trataram especificamente da consciência fonoarticulatória, enquanto outras abordaram a metodologia fonoarticulatória de forma sistemática. Nesse segundo grupo de trabalhos, todos os resultados apontam para aspectos positivos em relação à utilização do método, sobretudo, de alunos que apresentam defasagem de aprendizagem.

Considerações finais

Dentre as pesquisas, mais da metade abordam o método em si, embora nem sempre estejam diretamente articuladas a área da educação. Os estudos em que a abordagem é baseada na proposta de intervenções, referem-se ao trabalho voltado a grupos de crianças e adultos que apresentam dificuldades referente a apropriação do SEA.

Há também a tendência de parcerias entre grupos de autores específicos, e que nem sempre estão vinculados a uma instituição acadêmica, como é o caso de 57% dos estudos analisados. A baixa quantidade de publicações, tal como a questão de que quase em sua totalidade os artigos existentes dizem respeito aos mesmos grupos, sinalizam dois aspectos principais. Ao mesmo tempo em que apontam para a continuidade de estudos em

desenvolvimento, indicam também a limitação quanto à análise da utilização da metodologia, ou dos aspectos que envolvem a consciência fonológica articulada ao gesto articulatório.

Considera-se, com isso, que este estudo contribuiu para um aprofundamento em relação aos trabalhos que abordam o viés fonarticulatório na alfabetização. Outrossim, o número limitado de pesquisas sobre o tema aponta para uma lacuna na produção científica, assim como a necessidade de mais investigações na área, que possam a vir contribuir para com reflexões no âmbito pedagógico.

Referências

GOMES, L. V. *Voz em jogo – O som da imagem: análise visual de jogos computacionais para desenvolvimento fonarticulatório de crianças surdas*. 2004. 136 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-graduação em artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

HEINEMANN, I. L.; SALGADO-AZONI, C. A. Intervenção psicopedagógica com enfoque fonovisuoarticulatório em crianças de risco para dislexia. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 29, n. 88, p. 25-37, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2018.

JARDINI, R. S. R. et al. Método de alfabetização fonovisuoarticulatório a EJA: estudo de caso. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 11, n. 4, p. 2538-2557, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v11.n.esp4.9208>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

JARDINI, R. S. R. Fonema ou gesto articulatório: quem, de fato, alfabetiza? *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 839-854, abr./jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9496>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

JARDINI, R. S. R.; RUIZ, L. S. R.. Avaliação dos cursos de capacitação: "método das boquinhinhas". *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 28, n. 86, p. 133-143, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 10 abr. 2018.

JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. de. Alfabetização e reabilitação dos distúrbios de leitura/escrita por metodologia fono-vísuo-articulatória. *Pró-Fono Revista de atualização científica*, Barueri, v. 18, n. 1, p. 69-78, Jan. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-56872006000100009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 jan. 2018

MORAIS, A. G. de. *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, M. do R. L. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo / 1876-1944*. São Paulo: Editora Unesp, 2000a.

SOARES, M. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

VIDOR-SOUZA, D.; MOTA, H. B.; SANTOS, R. M. O desenvolvimento da consciência fonarticulatória e a relação entre a percepção e a produção do gesto articulatório. *Jornal da*

Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 252-257, set. 2011a.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2179-64912011000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 mar. 2018.

VIDOR-SOUZA, D.; MOTA, H. B.; SANTOS, R. M. A consciência fonológica em crianças com desvio fonológico. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 196-204, abr. 2011b.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462011000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 jan. 2018.